

(Des)aprendizagens da representação linguística

Clara Nunes Correia & Ana Cristina Afonso

Quando se estuda uma língua, qualquer que seja a perspetiva escolhida, ou o modelo teórico com que se lida, encontra-se (sempre) uma relação não biunívoca entre formas linguísticas e os valores que essas formas podem desencadear. Os casos de formas de tempos gramaticais como o presente do indicativo em PE, de verbos como ‘dever’ e ‘poder’, de formas como ‘cá’ e ‘lá’, das conjunções ‘e’ e ‘mas’, e.o., constituem bons exemplos que ajudam a corroborar esta constatação.

Face a esta relação não biunívoca podem ser levantadas algumas questões que, numa primeira análise, são aparentemente contraditórias. Por outras palavras: estando em causa, neste WGT, uma reflexão sobre questões de representação, pretendemos contribuir para esta discussão a partir de hipóteses que permitam compreender como se comportam as formas nas línguas.

A análise de diferentes ocorrências de algumas formas linguísticas do PE conduzir-nos-á a uma outra (dupla) questão: se uma forma linguística adquire valores diferentes em contextos diferentes, isso quer dizer que, sendo essa forma uma única, ela se desdobra, se molda a si mesma para assumir múltiplos papéis?, ou em cada caso teremos uma multiplicidade de formas que apenas partilham entre si uma mesma representação fonética e uma heterogeneidade de sentidos?

A escolha (possível) de uma ou de outra vertente desta questão para a construção de uma resposta estabilizadora pode, eventualmente, ajudar a definir uma ‘forma’ linguística enquanto (apenas) uma (espécie de) peça na engrenagem da língua, uma peça que se pode transformar quer como suporte de um mecanismo, quer como o próprio mecanismo (veja-se, em termos analógicos, a relação que existe entre hélice e asa num avião, ou a agulha e o prato de um gira-discos) conforme o lugar que ocupa (que precisamos que ocupe?) e que por isso não pode propriamente ser definida, mas apenas descrita em termos do seu funcionamento.